

Análise de implicações: desafiando nossas práticas de saber/poder

Cecília Coimbra

Maria Livia do Nascimento

“Estar implicado (realizar ou aceitar a análise de minhas próprias implicações) é, ao fim de tudo, admitir que eu sou objetivado por aquilo que pretendo objetivar: fenômenos, acontecimentos, grupos, idéias, etc. Com o saber científico anulo o saber das mulheres, das crianças e dos loucos - o saber social, cada vez mais reprimido como culpado e inferior. O intelectual (...) com sua linguagem de sábio, com a manipulação ou o consumo ostensivo do discurso instituído e o jogo das interpretações múltiplas, dos “pontos de vista” e “níveis de análise”, esconde-se atrás da cortina das mediações que se interpõem entre a realidade política e ele. O intelectual programa a separação entre teoria e política: é para comer-te melhor, minha filha (...) mas, esquece que é o único que postula tal separação, tal desgarramento.” (René Lourau, 1975, pp. 88-89, grifos do autor).

A emergência do conceito de análise de implicação.

Para pensar a análise de implicações no cotidiano de qualquer profissional é importante trazermos sua emergência dentro do que Lourau (1993)¹ denominou “campo de coerência da Análise Institucional”. Segundo esse autor a análise de implicações se constitui no “escândalo da Análise de Institucional”, por colocar em xeque o lugar sagrado e inquestionável dos chamados especialistas. Essa ferramenta surge da ampliação, para o campo institucional, dos conceitos de transferência e contra-transferência utilizados pela psicanálise, e emerge a partir do movimento da psicoterapia institucional, ocorrido na França durante o pós-guerra, nos anos de 1950.

Em 1971, com a publicação do livro “Para um conhecimento da sociologia”, René Lourau e Georges Lapassade nos apontam alguns traços preliminares da noção de implicação. Entretanto, é só em 1973 que vemos esse conceito mais explicitado em suas publicações. Para isso contribuíram não somente os relatos das intervenções socioanalíticas produzidas pelo grupo vinculado a esses autores, em especial durante o início da década de 1970, como também a influência fenomenológica exercida por Merleau-Ponty sobre esse

¹ René Lourau, Georges Lapassade, Rémi Hess, Antoine Savoye e outros fazem parte de uma abordagem teórica vinda da França nos anos de 1960 e 1970, que se convencionou chamar Análise Institucional. Estes pensadores, através de diferentes experimentações, vão elaborando ferramentas que pensam criticamente as chamadas intervenções socioanalíticas realizadas em pequenos e grandes grupos, em diferentes estabelecimentos. A análise de implicações é uma dessas ferramentas. Sobre o tema consultar Coimbra (1995).

grupo. Naquele momento já se fazia uma crítica radical ao positivismo e sua crença na neutralidade científica.

Segundo Merleau-Ponty, o sociólogo chega ao conhecimento não só pela observação de um objeto exterior, mas canalizando também sua própria implicação no momento da observação (...) Merleau-Ponty vai mais longe do que aqueles que se detêm na compreensão das instituições por meio de uma análise do vivido. Para ele, estudar o social é saber(...) como pode ser em si e para nós. (Lourau, 1975, p. 38)

A partir dessa influência fenomenológica Lapassade e Lourau propuseram a pesquisa-intervenção, onde as noções de sujeito e objeto, de pesquisador e campo de pesquisa são colocadas em análise. Segundo tal formulação, essas noções se criam ao mesmo tempo, num plano de imanência, onde as práticas produzem os sujeitos, os objetos, os pesquisadores e os campos de pesquisa, não havendo determinações causais de uns sobre os outros. Assim sendo, teorias e práticas são sempre práticas.

A pesquisa-intervenção, ou apenas a intervenção, como procedimento de aproximação com o campo, mostra-nos que ambos - pesquisador e pesquisado, ou seja sujeito e objeto do conhecimento - se constituem no mesmo momento, no mesmo processo. (Barros, 1994, p. 309)

Opondo-se ao intelectual neutro-positivista, a Análise Institucional vai nos falar do intelectual implicado, definido como aquele que analisa as implicações de suas pertencas e referências institucionais, analisando também o lugar que ocupa na divisão social do trabalho na sociedade capitalista, da qual é um legitimador por suas práticas. Portanto, analisa-se o lugar que se ocupa nas relações sociais em geral e não apenas no âmbito da intervenção que está sendo realizada; os diferentes lugares que se ocupa no cotidiano e em outros locais da vida profissional; em suma, na história.

Ainda, segundo Lourau, trata-se de encontrar um método de análise das implicações que, em cada situação particular, possamos nos situar nas relações em geral, nas redes de poder, em vez de nos fixarmos cristalizados numa posição pseudo-científica.

Tal análise “não é dada a priori por meio de um esclarecimento ‘objetivo’ saído da manga do mágico, surge na crise, na contradição, na luta e não na ginástica ‘dialética’ sobre papel branco” (Lourau, 1979, p.34).

Os psicólogos, os psicanalistas, os políticos, os militantes, em suma, os chamados intelectuais *psi* e sociais apresentam um desprezo ou uma cólera mal dissimulada quando nos referimos à análise de nossas implicações. Para alguns deles, todas essas instituições² estão naturalizadas, neutralizadas e impermeáveis à transversalidade³ das relações sociais.

Na perspectiva de construir um novo campo de coerência onde a pesquisa não se separa da intervenção e onde o campo de intervenção inclui tanto o pesquisador quanto o chamado objeto de sua pesquisa, Lourau, ao longo de toda sua obra, traz um debate metodológico que interroga as implicações do pesquisador/profissional. Assim é que, olhando sua trajetória como intelectual, podemos perceber que a noção de implicação está o todo tempo sendo construída, constantemente presente em seus estudos, constantemente sendo dinamizada, ocupando um lugar de destaque em seu caminhar como pesquisador.

A proposta de analisar nossas implicações é uma forma de pensar, cotidianamente, como vêm se dando nossas diferentes intervenções. Dentro de uma visão positivista que afirma a objetividade e a neutralidade do pesquisador/profissional, as propostas da Análise Institucional tornam-se, efetivamente, um escândalo, uma subversão. Colocar em análise o lugar que ocupamos, nossas práticas de saber-poder enquanto produtoras de verdades - consideradas absolutas, universais e eternas - seus efeitos, o que elas põem em funcionamento, com o que elas se agenciam é romper com a lógica racionalista ainda tão fortemente presente no pensamento ocidental. A análise de implicações traz para o campo da análise sentimentos, percepções, ações, acontecimentos até então considerados negativos, estranhos, como desvios e erros que impediriam uma pesquisa/intervenção de ser bem sucedida.

Implicado sempre se está, quer se queira ou não, visto não ser a implicação uma questão de vontade, de decisão consciente, de ato voluntário. Ela está no mundo, pois é uma relação que sempre estabelecemos com as diferentes instituições com as quais nos encontramos, que nos constituem e nos atravessam. Por isso, a Análise Institucional fala de análise de implicações e não apenas de implicação.

² Para a Análise Institucional, o conceito de instituição difere do de organização ou estabelecimento. Instituição é o espaço onde as relações de produção estão instituídas de maneira aparentemente natural e eterna e não onde o jurídico se manifesta.,

³ O conceito de transversalidade é muito utilizado pela Análise Institucional e representa a clareza que se tem dos entrecruzamentos, das pertencas e referências de todos os tipos (político, econômico, social, cultural, sexual, libidinal, etc.) que atravessam nossas vidas. As relações transversais são, em geral, inconscientes, não sabidas e desconhecidas.

Colocar em prática a utilização de tal ferramenta nos

“... remete a um processo de desnaturalização permanente das instituições⁴, incluindo a própria instituição da análise e da pesquisa (...) Ela inclui uma análise do sistema de lugares, o assinalamento do lugar que ocupa, que busca ocupar e do que lhe é designado ocupar com os riscos que isto implica.” (Barros, 1994, p. 308-309).

Dessa maneira, ao tomar a análise de implicações como um dispositivo para problematizar as práticas de qualquer profissional, estamos querendo afirmar o caráter político de toda e qualquer intervenção. Ao colocarmos em xeque os lugares instituídos de saber/poder que ocupamos em muitos momentos de forma natural e ahistórica estamos afirmando nossa implicação política, dentre tantas outras implicações que nos atravessam.

A análise de implicação como um dispositivo

(...) cuidávamos estar perto do porto, mas somos lançados em pleno mar alto. (Deleuze)

No sentido de ampliarmos a ferramenta análise de implicações iremos pensá-la segundo as contribuições trazidas por Deleuze (1996) a partir do conceito de dispositivo. Para ele, o dispositivo é um conjunto de múltiplas linhas, de diferentes naturezas que seguem diferentes direções, formando processos sempre em desequilíbrio. Cada linha encontra-se quebrada e está submetida às mais variadas direções. De um modo geral, os dispositivos estão sempre produzindo objetos, sujeitos, práticas e Deleuze os percebe como “máquinas de fazer ver e de fazer falar” (p.84). Ao comportar uma série de linhas de forças, os dispositivos, ainda segundo Deleuze, “estabelecem o vai e vem entre o ver e o dizer, agem como flechas, que não cessam de entrecruzar as coisas e as palavras, sem que por isso deixem de conduzir a batalha” (p.85). Portanto, todas as linhas do dispositivo são linhas de variação, visto trabalharem com forças singulares, contendo uma multiplicidade de processos em marcha, que se entrecruzam, se mesclam, suscitando variações e mutações. Assim,

Os dispositivos têm por componentes linhas de visibilidade, linhas de enunciação, linhas de força, linhas de subjetivação, linhas de brecha, de fissura, de fratura, que se entrecruzam e se misturam, acabando umas por

⁴ A autora aqui se refere ao conceito de instituição segundo a Análise Institucional.

dar noutras, ou suscitar outras, por meio de variações ou mesmo mutações de agenciamento (Deleuze, 1996, p.89).

Dessa concepção de dispositivo podemos apontar dois importantes efeitos. O primeiro refere-se ao “repúdio dos universais”, visto que ele nada explica e, segundo Deleuze, “é ele que deve ser explicado” (p.89). Esse repúdio aos universais enfatiza os processos singulares e a multiplicidade que se encontram em cada dispositivo, em nós e no mundo. Ao tomarmos a análise de implicações como um dispositivo, estamos recusando os universalismos, as totalizações e unificações e afirmando as processualidades, singularidades e multiplicidades. Para tanto, é fundamental que possamos empreender uma análise constante e cotidiana dos lugares por nós ocupados e das forças que nos atravessam e nos afetam em diferentes momentos, não somente em nossos trabalhos de intervenção como também em nossas vidas. Ou seja, queremos apontar que a análise de implicações, tomada enquanto um dispositivo, é sempre micropolítica, é sempre um colocar em análise nossos modos de existência que, segundo Espinoza e Nietzsche, devem ser pensados a partir de critérios imanentes, sem nenhum apelo a valores transcendentais. Assim, a análise de implicações por ser micropolítica encontra-se no plano da imanência, no plano dos encontros onde se produzem as enunciações, onde se presentificam o “fazer ver e o fazer falar”. Ou seja, utilizar a análise de implicações é tornar visível e audível as forças que nos atravessam, nos afetam e nos constituem cotidianamente.

O segundo efeito de uma filosofia dos dispositivos refere-se a uma crítica à orientação positivista que nos impõe a crença no eterno e absoluto. A proposta é a apreensão do novo, do atual, entendido por Deleuze (1996) como não sendo “(...) o que somos, mas aquilo em que vamos nos tornando, aquilo que somos em devir (...)” (p.92/93). Isto é, o “atual é o esboço daquilo em que nos vamos tornando “ (p.93). Pensar a análise de implicações enquanto um processo que nos possibilita perceber este devir constante que somos é entendê-la como uma importante ferramenta de trabalho e de vida. É estranhar e recusar as essências, as naturalidades normalmente vinculadas ao eterno, à ahistoricidade. É, portanto, afirmar o diverso, as diferenças que estão em nós e no mundo.

Tais suportes filosóficos presentes no conceito de dispositivo reafirmam a colocação de Lourau (1993) de que a análise de implicações tem sido o escândalo da Análise Institucional por seu caráter desestabilizador e desnaturalizador de lugares confortáveis e acriticamente ocupados, de verdades instituídas e aceitas como universais e absolutas. Ou seja, a análise de implicações nos retira dos portos seguros, dos caminhos lineares e

conhecidos, da paz das certezas, nos jogando em alto mar, no turbilhão das dúvidas, da diversidade e dos contornos indefinidos. Um dos efeitos políticos presentes na ferramenta análise de implicações é, portanto, a problematização das relações de saber/poder, visto que ela aponta para o lugar instituído de onde falamos quando, com nossas práticas especialistas, legitimamos a divisão social do trabalho no capitalismo. Ou seja, fortalecemos essa divisão quando naturalizamos que há aqueles que sabem, que detêm a verdade científica, neutra e objetiva – os especialistas e acadêmicos - e de outro os que simplesmente devem executar o que foi pensado/planejado por esses iluminados, detentores do saber/poder.

Se a análise de implicações é micropolítica e encontra-se no plano da imanência, ela tem relações com o que Foucault (Apud Deleuze, 1996) denominou de “critérios de vida”. A saber, a possibilidade de se produzir coisas novas no mundo, de se crer perto do porto, quando, ao contrário, se está sendo lançado em alto mar, apesar de, na contemporaneidade, vivermos submetidos ao controle globalizado e ao biopoder hoje imperantes. Não podemos nos esquecer que esta filosofia dos dispositivos desvia-se do eterno, do homogêneo, do modelar para apreender o novo em suas multiplicidades. Nossa aposta, então, é de que possamos nos tornar profissionais da Vida, fortalecendo sua potencia à medida que possamos analisar nossas implicações no cotidiano, tema que desenvolvermos melhor mais adiante.

O dispositivo análise de implicações em uma intervenção

O trabalho de intervenção junto a professores da Escola de Auxiliar de Enfermagem da FAETEC, por nós realizado, foi iniciado sem que fizéssemos qualquer análise da demanda apresentada, parte importante em nossa análise de implicações. Os impedimentos foram vários: a aprovação de nosso projeto pela FAPERJ, sem que tivéssemos, enquanto equipe, tido tempo de fazer contato com todo o grupo com o qual iríamos trabalhar. Da mesma forma, o acúmulo de tarefas em outros espaços e a correria do mundo globalizado impuseram uma chegada ao campo de pesquisa-intervenção sem que tivéssemos realizado uma análise de nossas implicações. Afinal de contas, a demanda inicial era nossa, visto necessitarmos de um grupo onde pudéssemos pensar as questões propostas em nosso projeto apresentado à FAPERJ. Apesar de trabalharmos com alguns pressupostos da Análise Institucional que enfatiza, não só a análise de implicações, mas também a análise da demanda, a urgência e a escassez do tempo não nos permitiram pensar e colocar em prática essas ferramentas. Ocorreu apenas um contato inicial com a direção da escola e alguns poucos professores que fariam parte do grupo. Nesse âmbito é que foram acertados horários, datas, prazos, períodos, local,

interesses para a realização do trabalho. Por isso, nosso primeiro encontro com o grupo de professores da FAETEC, pelo desconhecimento que alguns tinham da proposta, foi pleno de dúvidas, surpresas, interesses diversos e, até mesmo, desconfiança.

Naquele momento, que poderia ter sido aproveitado para iniciarmos tais análises, também não as fizemos. Só posteriormente, ao debatermos o primeiro encontro no espaço da equipe de intervenção, comentando o mal estar que havíamos percebido no grupo e em nós, nos demos conta da falta de discussão sobre os diferentes graus de implicação e diferentes demandas que estavam ali presentes. No primeiro encontro, de forma até mesmo invasiva, apresentamos nossas propostas, quais eram as nossas demandas, a forma como iríamos funcionar, sem debater com o grupo quais eram suas propostas, suas demandas e as formas como gostariam de trabalhar.

Posteriormente, a partir do momento em que conseguimos iniciar uma análise das demandas e implicações ali presentes, percebemos que aquele conjunto de situações pelo qual havíamos passado era também, dentre tantas outras forças, um dos efeitos de nossas práticas, que poderiam estar sobreimplicadas. Segundo Lourau (2004) a sobreimplicação é a crença no sobretrabalho, no ativismo da prática, que pode ter como um de seus efeitos a dificuldade de se processar análises de implicações, visto que todo o campo permanece ocupado por um certo e único objeto. No mundo contemporâneo, a urgência invadiu nossas vidas e nos são exigidas ações imediatas e instantâneas. Impõe-se a todos nós a necessidade de acelerar as tarefas, o tempo, pois só assim conseguiremos sobreviver ao ritmo imposto pelo rendimento máximo. O profissional sobreimplicado responde naturalmente a essa demanda instituída, ocupando o lugar que lhe está sendo designado. De um modo geral, a forma de perceber o que se deve fazer no dia a dia ocorre, quase sempre, em uma situação que é colocada como urgente, ao mesmo tempo em que se é atravessado pela ilusão participacionista⁵. Assim, uma de nossas hipóteses é que a sobreimplicação de nossas práticas nos impossibilitou fazer a análise de demandas e de implicações, tanto da equipe de intervenção quanto do grupo de professoras e do próprio conjunto de nossa intervenção.

O debate e as análises produzidas no espaço da equipe de intervenção, nos permitiu que, a partir do segundo encontro, conseguíssemos tornar mais claras algumas demandas relacionadas diretamente aos cotidianos de sala de aula das professoras. Ou seja, somente a partir do momento em que produzimos em nós da equipe um dispositivo analítico, é que conseguimos “fazer ver e fazer falar” o grupo de professores/interventores. De acordo com

⁵ A esse respeito ver Coimbra e Nascimento (2004)

Deleuze (1996) “cada dispositivo tem o seu regime de luz, uma maneira como cai a luz, se esbate e se propaga, distribuindo o visível e o invisível, fazendo com que nasça ou desapareça o objeto que sem ela não existe.” (p.84). Entendemos, assim como os filósofos aqui citados, que os diferentes objetos, saberes e sujeitos que existem no mundo - e o próprio mundo - são produtos das diferentes práticas sociais em diferentes contextos históricos. Dessa forma, esses objetos, saberes e sujeitos não existem em si, não têm uma essência, são incessante e continuamente produzidos pelas ações dos homens. O “fazer ver e o fazer falar”, dependendo das especificidades do encontro produz diferentes maneiras de como a luz irá cair, se esbater, se propagar, se distribuir, produzindo o nascimento, o fortalecimento, o desaparecimento, a fragilização de alguns objetos, saberes e sujeitos.

Análise de implicações: fortalecendo nossa potência

Eu te invento, ó realidade!
Clarice Lispector

A utilização da análise de implicações na contemporaneidade se torna cada vez mais necessária tendo em vista o novo regime que se impõe, o do biopoder

Como diz Foucault, nesse novo regime o poder é destinado a produzir forças e as fazer crescer e ordena-las, mais do que a barrá-las ou destruí-las. Gerir a vida, mais do que exigir a morte. E quando exige a morte, é em nome da defesa da vida que ele se encarregou de administrar. Curiosamente, é quando mais se fala de defesa da vida que ocorrem as guerras mais abomináveis e genocidas (...) (Pelbart, 2003, p. 56).

Se antes, as disciplinas se dirigiam ao corpo, ao homem-corpo, hoje, o biopoder se dirige ao homem vivo, ao homem-espécie, à vida.. Entretanto, nesse poder sobre a vida há também o poder da vida, sua potência política de invenção.

Questões que se colocam para todos nós que trabalhamos com a produção de subjetividade e utilizamos os dispositivos análise de implicações e sobreimplicação. Questões que não temos a pretensão de responder, mas que devem ser colocadas como analisadores de nossas práticas, tais como:

O que significa a vida hoje? O que significa poder *sobre* a vida? Como entender potência *da* vida, nesse contexto? O que significa que a vida tornou-se um *capital*? O que uma tal situação acarreta, do ponto de vista político? De que dispositivos *concretos*, minúsculos e maiúsculos, dispomos hoje para transformar o poder *sobre* a vida em potência *da* vida, sobretudo num contexto militarizado? Como isso se conecta com o desafio urgente de reinventar a *comunidade*? Como tais perguntas redesenham a idéia de *resistência* hoje, nos vários domínios? (Pelbart, 2003, p. 14).

Entendemos que a utilização dos conceitos de análise de implicações e sobreimplicação podem nos potencializar nesses tempos de biopoder, no sentido que, mesmo micropoliticamente, possamos transformar as mutilações, os constrangimentos, os adestramentos, os entorpecimentos que fazem parte de nosso cotidiano, em potencia de Vida. Vida entendida como virtualidade, diferença, invenção e potência. A Vida em sua imanência, enquanto acontecimento ético-político que permita potencializar o caráter heterogêneo e múltiplo dos diferentes modos de existência que se encontram no mundo.

(...)

Não agüento ser apenas um sujeito que abre portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que compra pão às 6 horas da tarde, que vai lá fora, que aponta lápis, que vê a uva etc. etc.

Perdoai.

Mas eu preciso ser Outros.

(...)

(*Manoel de Barros, 1998, p. 79*)

Referências bibliográficas

BARROS, M. Retrato do artista quando coisa. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1998.

BARROS, R D.B. *Grupos: a afirmação de um simulacro*. Tese de doutorado: PUC/SP, 1994.

COIMBRA, C. M. B. *Os caminhos de Lapassade e da Análise Institucional: uma empresa possível?*. In: Revista do Departamento de Psicologia UFF, vol. 7-1, 1996.

COIMBRA, C. e NASCIMENTO, M. L. *Sobreimplicação prática de esvaziamento político?*

Disponível em www.slab.uff.br . Acesso em 01/12/2006.

DELEUZE, G. *O mistério de Ariana: cinco textos e uma entrevista de Gilles Deleuze*, Lisboa: Estudo Vega / Passagens, 1996.

LOURAU, R. *A Análise Institucional*, Petrópolis/RJ: Vozes, 1975.

LOURAU, R. *Sociólogo em tempo integral*, Lisboa: Estampa, 1979.

LOURAU, R. *Análise Institucional e práticas de pesquisa*, Rio de Janeiro: UERJ, 1993

LOURAU, R. Implicação e sobreimplicação In: ALTOÉ, S. (org) René Lourau: *Analista institucional em tempo integral*. Rio de Janeiro: Hucitec, 2004.

PELBART, P. P. *Vida Capital: ensaios de biopolítica*, São Paulo: Iluminuras, 2003.